



A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E SUA IMPORTÂNCIA PARA O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

STORYTELLING AND ITS IMPORTANCE FOR CHILD DEVELOPMENT

LA NARRACIÓN Y SU IMPORTANCIA PARA EL DESARROLLO INFANTIL

Alexsandra Pereira de Paula¹,
Aline de Fátima Silva Braga²,
Alícia Maria Almeida Loureiro³

Resumo:

O presente artigo aborda a contação de histórias no contexto da Educação Infantil. Tem como objetivo principal enfatizar o ato de contar e ouvir histórias como uma atividade lúdica importante para o desenvolvimento da criança. Enfatiza ainda a origem da contação de histórias, a figura do contador de histórias e o conto infantil no Brasil, do seu surgimento até os dias atuais e a contribuição do professor para a formação das crianças, futuros leitores. Este trabalho utilizou como método de investigação a pesquisa bibliográfica, de literatura específica, a partir de autores que analisam a contação de histórias como um dos recursos fundamentais para o desenvolvimento infantil. Diante dos dados levantados conclui-se que a contação de histórias na Educação Infantil constitui-se em uma prática pedagógica indispensável por despertar na criança o imaginário, a construção de ideias, o interesse, o prazer e o gosto pela leitura, oferecendo-lhe momentos de criação, de expressão, ampliando sua visão de mundo.

Palavras-chave: contação de histórias; educação infantil; prática educativa.

¹ Licenciada em Pedagogia. Universidade do Estado de Minas Gerais., e-mail: alexsandrapereirasouza5581@gmail.com

² Licenciada em Pedagogia. Universidade do Estado de Minas Gerais., e-mail: alinebraga38@yahoo.com.br

³ Pianista, Educadora Musical, Licenciada em Música. Psicóloga, Especialista em Psicologia Educacional. Pedagoga. Mestre e Doutora em Educação. Universidade do Estado de Minas Gerais, e-mail: alicia.loureiro@uemg.br

Abstract:

The present study addresses storytelling in the context of Early Childhood Education. Its main objective is to emphasize the act of telling and listening to stories as an important playful activity for the development of small children. It also emphasizes the origin of storytelling, the figure of the storyteller and the children's tale in Brazil, from its emergence to the present day. Another point discussed concerns the teacher's contribution to the education of children, future readers. This qualitative study used the bibliographic research of specific literature as a method of investigation, based on several authors who analyze storytelling as one of the fundamental resources for the child's full and harmonious development. In view of the data collected, we can conclude that storytelling in Early Childhood Education constitutes an indispensable pedagogical practice in Early Childhood Education as it awakens in the child the imaginary, the construction of ideas, the interest, the pleasure and the taste for reading, besides to offer you moments of creation, ways of expression, expanding your worldview.

Keywords: storytelling; child education; educational practice.

Resumen:

Este estudio aborda la narración de cuentos en el contexto de la educación infantil. Su principal objetivo es enfatizar el acto de contar y escuchar cuentos como una actividad lúdica importante para el desarrollo de los niños pequeños. También enfatiza el origen de la narración, la figura del narrador y el cuento infantil en Brasil, desde su surgimiento hasta la actualidad. Otro punto discutido se refiere a la contribución del maestro a la educación de los niños, futuros lectores. Este estudio cualitativo utilizó como método de investigación la investigación bibliográfica, de literatura específica, de diferentes autores que analizan la narración como uno de los recursos fundamentales para el desarrollo pleno y armónico del niño. A la vista de los datos recabados, podemos concluir que la narración en Educación Infantil constituye una práctica pedagógica indispensable en Educación Infantil para despertar en el niño el imaginario, la construcción de ideas, el interés, el placer y el gusto por la lectura, además de ofrecerte momentos de creación, formas de expresión, ampliando tu visión del mundo.

Palabras clave: narración de cuentos; educación infantil; práctica educativa.

Introdução

O interesse em pesquisar sobre contação de histórias para as crianças pequenas surgiu a partir das experiências vivenciadas durante os períodos de estágio curricular obrigatório, enquanto alunas do curso de Pedagogia da Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG – Unidade Ibirité.

Nos períodos em que estávamos presente nas salas de aula da educação infantil, observando as ações pedagógicas da professora e as atividades desenvolvidas pelas crianças, poucos foram os momentos presenciados onde a contação de histórias ocupou o tempo e o espaço da criança, não se apresentando como uma atividade efetivamente dirigida e desenvolvida pela professora responsável pela turma. Assim, pesquisar sobre a contação de histórias para as crianças que frequentam a educação infantil justifica-se pelo fato de considerarmos tal atividade importante para o enriquecimento do mundo da criança.

Contar histórias para as crianças é convidá-las a mergulhar no mundo da fantasia, a perceber e transformar a realidade à sua volta. Além de seu aspecto lúdico, é também uma atividade que socializa, ensina e educa, favorecendo o desenvolvimento integral da criança. Pesquisas apontam que educadores que adotam a contação de histórias como um atividade pedagógica cotidiana, inserida no contexto da educação infantil, aumentam as possibilidades do desenvolvimento do gosto e do prazer pela leitura pelas crianças. De acordo com Abramovich (1994, p. 24), “ouvir histórias é um momento de gostosura, de prazer de divertimento dos melhores... É encantamento, maravilhamento, sedução [...]. a contação de histórias pode despertar na criança o imaginário, a construção de ideias, a concentração, estimulando e oferecendo a ela momentos de criação e modos de expressão.

Incomodadas com a realidade observada, questões surgiram o que levou ao aprofundamento do tema para entendermos melhor sobre a importância da contação de histórias para a criança: por que é importante contar histórias para a criança? Como a contação de histórias pode contribuir no processo de desenvolvimento da criança? Que contribuição o professor pode oferecer à criança ao contar histórias para ela?

A partir dessas considerações, o presente estudo apresenta como objetivo geral investigar a contribuição da contação de histórias para o desenvolvimento da criança pequena. De maneira a compreender melhor o objeto investigado, buscamos focalizar os seguintes objetivos específicos: conhecer o percurso da contação de histórias ao longo da história; verificar a importância do educador no trabalho com a contação de histórias. Para alcançar esses objetivos, a metodologia que orientou o desenvolvimento desse estudo foi do tipo qualitativa. Optamos por uma pesquisa bibliográfica a qual, a partir de uma busca exploratória, nos identificamos inicialmente com autores, tais como: Abramovich (1994), Busatto (2003), Dohme (2008, 2013), Coelho (1997), Lajolo e Zilberman (2007) que deram o suporte para essa pesquisa, auxiliando-nos a desvelar a contação de histórias como atividade e prática pedagógica de fundamental importância para as crianças que frequentam a educação infantil.

Não se esgotando o objeto investigado, esperamos que este estudo possa contribuir para abertura de novos desafios que esse tema oferece, considerando sua importância para o

desenvolvimento e aprendizagem das crianças que frequentam tempos e espaços da Educação Infantil.

Contação de histórias: de onde surgiu?

Contar histórias é uma prática antiga. Surgiu muito antes da escrita, em tempos em que as pessoas utilizavam da oralidade para narrar fatos e acontecimentos cotidianos à comunidade.

Desde os tempos mais remotos, o homem primitivo conta histórias. Era do seu cotidiano se reunirem em círculo, à volta do fogo, para contar suas histórias, declamar versos, momento em que reviviam seus mitos, ao mesmo tempo que compartilhavam experiências, transmitindo sua cultura. Nesse contexto, a figura do contador era visto como aquele que transmitia ensinamentos, costumes, valores, os mitos e as crenças, e que, de geração em geração, faziam perpetuar suas histórias.

Para perguntas como: quando e de onde surgiram os contos? Quem os inventou? E porque os inventaram? Não há respostas precisas, mas, de acordo com Busatto (2003),

Nada é totalmente provável, porém há diversos estudos que procuram responder essas perguntas. [...] Quanto mais as pesquisas foram se aprofundando, mais perto de uma resposta fomos chegando, e tudo leva a crer que os caminhos vão chegar ao Oriente, berço das mil e uma noites e tantas outras histórias [...] Se partirmos do princípio que os contos surgiram de uma necessidade intrínseca do homem em explicar a sua origem e a origem das coisas, [...], então podemos pensar que estas criações da imaginação humana coincidem com a primeira categoria conhecida do ser humano, o chamado *Homo Sapiens* (BUSATTO, 2003, p. 20-21).

Assim, desde os tempos mais antigos, o ser humano utilizou-se da contação de histórias como um recurso para se aproximar das pessoas, atraindo e conquistando sua admiração. Com o domínio da arte de contar, o contador de histórias torna-se o centro da atenção popular devido ao prazer que a narração proporcionava a seus ouvintes. Para algumas culturas, o contador de histórias, ao transmitir a tradição de seu povo, torna-se o seu porta-voz ao dialogar, comunicar e trocar experiências, através da oralidade, espalhando suas lendas, mitos, costumes e tradições.

Para Coelho (1997, p.8), os homens primitivos, à entrada de suas cavernas, provavelmente estariam falando acerca “da faina do dia, das caçadas, dos peixes que pescaram, chuva, sol, contendas, troféus, estrelas distantes que talvez fossem deuses, lendas contadas pelos antepassados”. Entre os povos ancestrais, a contação de histórias promovia momentos de união, confraternização e trocas de experiências, além de ajudar os povos antigos a passarem o tempo e a vencerem o tédio. O certo é que contadores de histórias, a qualquer tempo e não importando onde estivessem, sempre encontravam quem os escutassem. Eram eles que mantinham e transmitiam a história e os conhecimentos acumulados pelas gerações.

Abramovich (1994) também afirma que a contação de histórias é uma das mais antigas atividades desenvolvidas pelo ser humano, cuja origem remonta a uma época em que o

homem primitivo deixava registrado em suas cavernas, através de ilustrações, o tempo histórico vivido, seus hábitos, fazeres e costumes cotidianos. A necessidade de interação e do diálogo entre os homens sempre esteve presente nos vários momentos ao longo da história. Como um ser sociável, vivendo em grupos, em comunidades, o homem buscou aproximar-se do outro através da pintura, do desenho, da fala, enfim, da arte, satisfazendo, assim, sua necessidade de pertencimento em relação ao grupo.

Com o passar dos anos, as histórias se tornaram também uma forma de preservar as culturas e os valores, e de compartilhar o conhecimento com outros povos e gerações posteriores. Dessa maneira, não há como negar que as histórias tiveram um importante papel no processo evolutivo da humanidade. Pode-se dizer que não existe uma sociedade que não apresente a necessidade de fabular, de inventar-se ou de construir seus mitos e seu imaginário. Toda civilização que existiu, independente da época e lugar, contou. Portanto, contar histórias possui características de uma arte, uma arte que requer do narrador habilidade, conhecimento e poder de envolver as pessoas, no sentido de despertá-las para o prazer de conhecer, de viver e de estar no mundo.

Para Neves (2012), graças aos registros de histórias que os povos antigos nos legaram, podemos conhecer e nos encantar com os contos populares, de fadas, regionais, históricos, fábulas, lendas e mitos, recontados pelos avós, pais, mães, educadores e contadores. A esse respeito, Busatto (2003) afirma que, por meio da contação de histórias,

Os homens repassam costumes, tradições e valores capazes de estimular a formação do cidadão. Por isso, contar histórias é saber criar um ambiente de encantamento, suspense, surpresa e emoção, no qual o enredo e os personagens ganham vida, transformando tanto o narrador como o ouvinte. O ato de contar histórias deve impregnar todos os sentidos, tocando o coração e enriquecendo a leitura de mundo na trajetória de cada um (BUSATTO, 2003, p. 87).

Rigliski (2012), confirmando o que nos disse Busatto, afirma que:

Nas sociedades tribais primitivas, essa atividade não possuía uma finalidade exclusivamente artística: tinha um caráter funcional decisivo, pois os contadores de histórias eram os que conservavam e transmitiam a história e os conhecimentos acumulados pelas gerações, por meio das crenças, dos mitos, dos costumes e dos valores a serem preservados pela comunidade (RIGLISKI, 2012, p. 3-4).

Portanto, desde os primórdios da humanidade, salienta-se o papel fundamental do contador de histórias na preservação e transmissão da história e dos conhecimentos acumulados pelas gerações mantendo, assim, a cultura popular viva através da oralidade e da memória do homem através dos tempos.

Dos contos tradicionais ao conto infantil no Brasil

A literatura infantil, que se constitui como gênero literário em meio a transformações sociais e repercussões no meio artístico, surgiu no século XVII, com o francês François Fenélon (1651-1715).

Com a função de educar moralmente as crianças, as histórias tinham uma estrutura fundada nos dois princípios opostos, o do bem e o do mal, cuja finalidade era apresentar claramente o bem a ser aprendido e o mal a ser desprezado. Além de perpetuar crenças e manter uma tradição, os contos de fadas e as fábulas traziam personagens que se opunham em belos e feios, bons e maus, fortes e fracos, impondo valores e crenças sociais sustentados pelos princípios morais e éticos da sociedade em que se vivia. (SILVA; AMARAL e SANTANA, 2018).

Embora, à época, não tivessem como a primeira opção intencional escrever diretamente para as crianças, autores como Perrault (1628-1703), na França; os irmãos Jacob Grimm (1785-1863) e Wilhelm Grimm (1786-1859), na Alemanha e Hans Christian Andersen (1805-1875), na Dinamarca, são reconhecidos por fazerem parte do legado literário infantil. Suas obras foram importantes para o período da infância, permitindo às crianças experiências e vivências que permanecem na memória de cada uma delas.

Charles Perrault, um francês que, com quase setenta anos, passou a registrar as histórias, ou contos da memória popular. Cria e traz a público *Histórias ou contos do tempo passado, com suas moralidades: Contos de Mamãe Gansa*, personagem que contava histórias para seus filhotes. O livro, publicado no dia 11 de janeiro de 1697, reunia diversas histórias, entre elas, *Chapeuzinho Vermelho, A Bela Adormecida, A Gata Borralheira, O Gato de Botas, Cinderela, Barba Azul, As Fadas e O Pequeno Polegar*. Essas histórias, encerradas em forma de poesia, continham sempre uma “lição de moral”. Segundo Abramovich (1994),

Os contos de Perrault são apenas fragmentos e documentos dessa história poética que todos os povos possuem, mas que não foi escrita. Mistura a criação popular à sua imaginação de escritor, dando detalhes e minúcias reais nos contos encontráveis e característicos de sua época. São obras primas (ABRAMOVICH, 1994, p.123).

Da Alemanha, dois irmãos, Jacob Grimm (1785-1863) e Wilhelm Grimm (1786-1859), recolheram as narrativas e as lendas germânicas, vividas na tradição oral. Segundo Coelho (1998), foram eles que redescobriram o mundo maravilhoso da fantasia e dos mitos que desde sempre seduziram a imaginação humana. Após selecionarem vários destes mitos, começaram a publicá-los com o título de Conto de Fadas para Crianças e Adultos, entre 1812 e 1822. Entre os contos coletados, estão as versões da *A Bela Adormecida, Os Músicos de Bremen, Os Sete Anões e a Branca de Neve, O Chapeuzinho Vermelho, A Gata Borralheira, O Pequeno Polegar, entre outros*.

Vinte anos após os irmãos Grimm, surge Hans Christian Andersen (1805-1875), um escritor dinamarquês, que traz em seus contos parte retirada da literatura popular da tradição oral, parte das marcas de sua própria vivência social. Neles, plantas, animais e brinquedos têm personalidade e perspectiva humanas. Andersen fez com que seus

contos, simples e ingênuos, fossem sedutores e plenos de emoções. Seus contos mais conhecidos são *O Soldadinho de Chumbo*, *O Patinho Feio*, *A Pequena Sereia*.

Os clássicos livros de contos de história inseridos de forma lúdica na infância ficam marcados como uma boa história contada, sendo uma bagagem rica que possibilitará, futuramente, um amadurecimento em outras fases da infância. Certo é que, para Busatto (2006, p. 17), “histórias existem para serem contadas, serem ouvidas e conservarem aceso o enredo da humanidade. O contador narra para se sentir vivo.”

De modo geral, contar e ouvir histórias agrada a todos, sem distinção de idade, de classe social, de circunstância de vida. E no Brasil não foi diferente. Surgiu entre os séculos XIX e XX, trazendo um caráter conservador, definido como “cívico-pedagógico”. Tem como fonte os clássicos infantis europeus, que são adaptados e traduzidos. Para Lajolo e Zilberman (2007, p. 21), “se a literatura infantil europeia teve seu início às vésperas do século XVII, [...] a literatura infantil brasileira só veio a surgir muito tempo depois, quase no século XX”.

De acordo com Lajolo e Zilberman (2007), no Brasil, vários autores se destacaram por suas produções para a infância. Entre eles, encontram-se Figueiredo Pimentel, que compilou e adaptou histórias de Perrault, Grimm e Andersen. Dos títulos conhecidos deste autor citam-se os Contos da Carochinha, Contos de Fada e Histórias da Baratinha.

As autoras ainda citam Júlia Lopes de Almeida, que escreveu histórias infantis, que marcou presença no cenário nacional e Olavo Bilac, poeta, contista e jornalista. Ao escrever, em 1888, *Poesias Infantis e Contos Pátrios*, Olavo Bilac fomentou a exaltação à pátria, cooperando para o projeto nacionalista brasileiro.

Havia na literatura Infantil preocupação com o projeto de desenvolvimento nacional, que se manifestava por meio da exaltação da natureza brasileira, pela diversidade e grandeza regional e nacional, a exaltação dos vultos e dos episódios da história do Brasil (LAJOLO e ZILBERMAN, 2007, p. 19).

Busatto (2003) ainda acrescenta que, aqui no Brasil encontram-se registros de contos populares realizados por viajantes, antropólogos e folcloristas. Entre eles figura Sílvio Romero e Câmara Cascudo. A autora ressalta que Câmara Cascudo, a partir de histórias ouvidas de sua ama, as registrou em seus livros, como *Lendas brasileiras, Contos Tradicionais do Brasil*, dentre outros.

Na literatura infantil brasileira, entre tantos nomes importantes, está o de José Bento Renato Monteiro Lobato. Considerado como marco principal da literatura infantil brasileira, Monteiro Lobato foi o primeiro autor que com simplicidade soube escrever histórias literárias de qualidade para as crianças brasileiras, com uma literatura centralizada em alguns personagens com “a cara do Brasil”. Segundo Oliveira (2017),

Monteiro Lobato dedicou-se à produção literária brasileira ao público infantil, pois acreditava que para haver mudanças na sociedade, era preciso formar a criança, o futuro desta sociedade, dedicando-se a isso de corpo e alma, dando assim, um novo rumo à literatura infantil. [...] para que pudesse encantar/ensinar fazer parte do mundo infantil (OLIVEIRA, 2017, p. 4).

Em 1921, Monteiro Lobato publica *Narizinho Arrebitado*, numa linguagem que despertava o interesse das crianças. Suas histórias, com personagens que retratavam a sociedade

brasileira da época, como Dona Benta, Tia Anastácia, Emília, Pedrinho e Narizinho, encantaram e encantam o público infantil até hoje. Assim, ao utilizar o folclore brasileiro, Monteiro Lobato criou um universo rico ao imaginário infantil, e soube, como ninguém, inovar o vocabulário infantil, criando novas palavras, num misto de fantasia e realidade, características que contribuíram para o sucesso de suas obras.

Lajolo e Zilberman (2007) nos contam que, a partir de 1920, com as publicações das obras de Monteiro Lobato, e com produções e o sucesso de *Narizinho Arrebitado*, em 1921, Monteiro Lobato investe maciçamente em obras destinadas aos pequenos. E o sucesso de vendas de *A Menina do Nariz Arrebitado* foi fundamental para a expansão da literatura infantil no Brasil. A partir de então, este progresso literário expandiu o espaço para diversos gêneros e novos autores como Ana Maria Machado, Ruth Rocha, Lygia Bonjunga, Sylvia Orthoff, Ziraldo, Mário Quintana, Mary e Eliardo França, Manoel de Barros, dentre muitos outros. Embora a Literatura Infantil, em tempos atuais, se mostre e se concretize num campo mais realista, ainda mantém a fantasia, a imaginação e o humor.

Destacamos, assim, que o mais importante da Literatura Infantil é que ela pode propiciar momentos de lazer, prazer, descontração e viagens ao mundo maravilhoso dos sonhos e da fantasia. Através da Literatura Infantil pode-se explorar o imaginário, o conhecimento, os sentimentos e as emoções da criança. Desde que ela se identifique com o texto!

Contação de histórias e Educação Infantil: por que contar histórias para as crianças?

Contar histórias é uma arte; e, como tal, requer conhecimento, dedicação, envolvimento e habilidade de quem conta, e mais, vai exigir interesse, preparo e conhecimento do contador e, se pretende histórias atraentes e cativantes, é necessário ler muito, ler tudo para conhecer a narrativa que será apresentada, ou seja, contar histórias requer, ainda, de acordo com Coelho (1997), segredos e técnicas.

Como toda arte, a de contar histórias também possui segredos e técnicas. Sendo uma arte que lida com matéria prima especialíssima, a palavra, prerrogativa das criaturas humanas, depende, naturalmente, de certa tendência inata, mas pode ser desenvolvida, cultivada, desde que se goste de crianças e se reconheça a importância das histórias para elas (COELHO, 1997, p. 9).

Dohme (2013) também afirma que a preparação e a técnica são fundamentais para que a história se torne atraente e, assim, possa chamar a atenção e despertar o interesse de quem a ouve, ou seja, deve-se ter muito cuidado ao escolhê-la, estar atento para que esteja adequada a cada faixa etária, não se esquecendo, ainda, de considerar a preferência das crianças por determinadas histórias. Portanto, a contação de histórias está ligada diretamente ao imaginário infantil, pois carrega aspectos de ludicidade, abrindo caminhos para um mundo mágico, cheio de emoções e encantamento. Assim, pode tornar-se grande aliada do professor ao despertar na criança o prazer pela leitura.

Na educação infantil, a criança está na fase de conhecimento, período em que vai descobrindo sentimentos, formas de resolver seus conflitos internos, do mesmo modo que as personagens das histórias ouvidas. As histórias lhe possibilitam descobrir novos mundos, encontrar outras formas de agir e, assim, vão aprendendo de tudo, e mais um pouco, envolvida pelo espanto, pela curiosidade, pela emoção, de modo prazeroso e divertido. E como nessa fase a criança ainda não lê nem escreve, a história vem auxiliar no desenvolvimento da oralidade, ampliando o seu vocabulário, estabelecendo e fortalecendo laços afetivos.

O contador de histórias pode utilizar-se do ato de contar histórias como prática acalentadora ou até mesmo como distração, mas o universo fantasioso realça, com emoção, apenas a realidade que a criança viveu ou está vivendo pois. De acordo com Abramovich (1994, p. 17), “ler histórias é também suscitar o imaginário, é ter a curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, é encontrar outras ideias para solucionar questões (como as personagens fizeram...)”.

Assim, compreende-se que o contato com a literatura pode permitir à criança viajar no seu mundo de faz de conta, fazendo-a descobrir o poder da sua própria imaginação, construindo hábitos que favorecem o gosto pela leitura e, ao mesmo tempo, instigando-a e levando-a a se tornar um possível futuro leitor. Dohme (2008) ainda acrescenta que:

Outro fator importante é que o fato das crianças gostarem de ouvir histórias abre um importante vínculo que favorece a afetividade; não é a criança que precisa “crescer” para entender o adulto, é o adulto que vai até ela: senta-se no chão, põe o chapéu de fada, de pirata, engrossa a sua voz, dá risadas esganiçadas... Ele é um amigo da criança que entende a “sua língua” (DHOME, 2008, p. 30).

Uma história bem escolhida e de acordo com as necessidades, a expectativa e o contexto no qual a narração acontece, pode levar a criança a conhecer o mundo ao seu redor, apreendendo-o e (re) significando-o, num momento de aprendizagem que lhe dê e faça sentido. Assim, a contação de histórias na educação infantil pode despertar a curiosidade, a imaginação, o desenvolvimento da autonomia e do pensamento, além de proporcionar vivências diversas, desde momentos de grande euforia e prazer até mesmo fazer surgir emoções como medo, tristeza e angústia.

Machado (2002) afirma que explorar a literatura desde cedo com a criança permite que esta adquira o gosto pela leitura, ao mesmo tempo que pode levá-la a viajar, de diversas maneiras, para infinitos lugares, estimulando sua imaginação. Para essa autora, a leitura é também uma brincadeira infantil, afinal, quando as crianças passam pelas viagens fictícias, elas brincam de “faz de conta”, além de explorar sua criatividade, levando-as a novas experiências e vivências.

Como importante instrumento de estímulo à leitura, ao desenvolvimento da linguagem e, mais tarde, da escrita, a contação de histórias leva a criança a sonhar e, ao envolver-se na história, as emoções afloram, levando-a a mergulhar no mundo da fantasia. Num ambiente favorável e adequado, “o ouvir histórias pode ainda estimular o desenhar, o musicar, o sair, o ficar, o pensar, o teatrar, o imaginar, o brincar, o ver o livro, o escrever, o querer ouvir de novo (a mesma história ou outra). Afinal, tudo pode nascer dum texto!” (ABRAMOVICH, 1997, p. 23). Essa autora afirma ainda que:

Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo... Ler histórias para crianças, sempre, sempre... É poder sorrir, rir, gargalhar com as situações vividas pelos personagens, com a ideia do conto ou com o jeito de escrever dum autor e, então, poder ser um pouco cúmplice desse momento de humor, de brincadeira, de divertimento... (ABRAMOVICH, 1997, p. 16).

Quando histórias são contadas ou lidas por um adulto para uma criança, abre-se a oportunidade para que estas histórias, seus personagens, as cenas e o contexto revelado, tão importantes para a construção de sua identidade social e cultural, possam ser imaginadas, consolidadas e representadas por ela. A esse respeito, Abramovich (1994) considera que,

É uma possibilidade de descobrir o mundo imenso de conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivemos e atravessamos – dum jeito ou do outro – através dos problemas que vão sendo defrontados, enfrentados (ou não), resolvidos (ou não) pelas personagens de cada história (cada uma a seu modo)... (ABRAMOVICH, 1994, p.17).

Além do mais, para essa autora, quando as crianças ouvem histórias passam a visualizar de forma mais clara, sentimentos que têm em relação ao seu estar no mundo. Desse modo, quanto mais cedo a criança tiver contato com os livros e sentir o prazer que eles proporcionam, maior será a probabilidade de ela tornar-se um adulto leitor. Para Abramovich (1994),

É ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais, e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve – com toda a amplitude, significância e verdade que cada uma delas fez (ou não) brotar... Pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário! (ABRAMOVICH, 1994, p.17).

Vê-se, pois, que, para as crianças, a contação de histórias pode ser um momento precioso para encantar, divertir e transmitir uma mensagem, seja através de diversos temas encontrados na literatura infantil ou criados espontaneamente pelo narrador. As crianças imaginam e criam situações vividas em cada história para tentar assimilar o mundo a seu redor. Ouvindo histórias, as crianças interagem ativa e euforicamente, desejosas em perguntar, expor suas ideias, suas críticas, tecer elogios, se posicionarem diante das situações e, desse modo, ampliam sua capacidade de comunicação e expressão. E, como bem diz Abramovich (1994, p. 24), “uma das atividades mais fundantes, mais significativas, mais abrangentes e suscitadoras dentre tantas outras é a que decorre do ouvir uma boa história, quando bem contada”. Concordando com essa autora, Coelho (1997, p. 12) afirma que, “a história quieta, serena, prende a atenção, informa, socializa, educa. [...] O compromisso do narrador é com a história, enquanto fonte de satisfação de necessidades básicas das crianças”

Portanto, falar de contação de histórias na Educação Infantil é pensar nas reais possibilidades que essa atividade pode proporcionar ao desenvolvimento da criança. É

importante salientar que é nessa fase de desenvolvimento que a criança faz descobertas, explora e interage com o mundo à sua volta. Desse modo, o contato com o livro irá permiti-la perceber, visualizar e sentir que, através das histórias é possível aprender a imaginar, a pensar, a criar, a explorar e a descobrir o mundo.

Nesse sentido, o professor tem um papel fundamental nesse processo pois cabe a ele levar a criança ao mundo do improvável, pois nele é possível questionar, duvidar, pensar sobre o significado atrás de cada história, dos personagens envolvidos, das emoções que a história pode provocar. Mas, para tal, é preciso que o professor esteja motivado, envolvido e interessado pela história a ser narrada pois, se bem contadas, serão enormes os benefícios para as crianças. E o quanto mais cedo melhor.

E aí, professor, vamos contar uma história?

A contribuição do professor na contação de histórias

Nas escolas de educação infantil é comum o professor contar histórias no fim do período, quando as crianças já estão cansadas e prontas para irem para suas casas. Geralmente, o professor oferece livros para as crianças apenas para folhearem, para ocupar e ver o tempo passar, ou até mesmo para que fiquem quietas e sossegadas. Nesse sentido, as histórias e sua narração não são utilizadas para desenvolver atividades que possam favorecer na construção de conhecimentos, contribuindo para o desenvolvimento da criança.

Narrar uma história é tão importante quanto estimular as crianças a contarem histórias. Além de proporcionar um momento de socialização e compartilhamento, a criança desenvolverá aptidões importantes, como, por exemplo, se expressar diante dos colegas ou de um grupo de pessoas com desenvoltura, alegria e domínio de espaço. Para Busatto (2003, p. 40), a criança, ao dar forma e expressão aos sentimentos contidos no texto “aprenderá a lidar com os seus, e tudo isto leva, conseqüentemente, a uma ampliação dos seus recursos internos e a um amadurecimento psicológico”.

Busatto (2013) reforça ainda que é preciso criar espaço para a narrativa, despertando a criança para este momento. Ao ouvir uma história, se bem lida ou narrada, a criança aprende a correta sonoridade das palavras, percebe o ritmo impresso pelo professor, levando-a a sentir os sons do silêncio e a se envolver com a sua musicalidade e com os sentimentos que brotam da história.

Para o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCN) (Brasil, 1998), as instituições de educação infantil podem resgatar o repertório de histórias que as crianças ouvem em casa e nos ambientes que frequentam, uma vez que essas histórias se constituem em rica fonte de informação sobre as diversas formas culturais de lidar com as emoções e com as questões éticas, contribuindo na construção da subjetividade e da sensibilidade das crianças.

Portanto, crianças que ouvem histórias desde pequeninas adquirem o gosto pela leitura mais cedo. Sendo assim, para que o professor consiga despertar na criança o gosto pela

leitura e o prazer de ouvir, é preciso oferecer-lhe oportunidades para, desse modo, levá-la a criar o hábito de ler e escutar histórias e, de acordo com o RCN (BRASIL, 1998, v. 3, p. 141), “a criança que ainda não sabe ler convencionalmente pode fazê-lo por meio da escuta da leitura do professor, ainda que não possa decifrar todas e cada uma das palavras. Ouvir um texto já é uma forma de leitura”.

Na escola, professores que proporcionam momentos de contação de histórias como atividade rotineira, estão motivando e estimulando a criança a sentir o prazer de ler e de ouvir. Nesse sentido, Abramovich (1994) sugere que

Para contar uma história – seja qual for – é bom saber como se faz. Afinal, nela se descobrem palavras novas, se entra em contato com a música e com a sonoridade das frases, dos nomes... Se capta o ritmo, a cadência do conto, fluindo como uma canção... Ou se brinca com a melodia dos versos, com o acerto das rimas, com o jogo das palavras... (ABRAMOVICH, 1994, p. 18).

É importante que o professor promova nas turmas de Educação Infantil a construção dos hábitos de ouvir, falar e ler. É preciso dar às crianças a oportunidade de apropriarem-se das diferentes características de cada obra, o que possibilitará a formação de concepções, ideias, além de adquirir autonomia, interesse e o gosto pela leitura. Portanto, ter acesso à boa literatura é dispor de uma informação cultural que alimenta a imaginação e desperta o prazer pela leitura. Fazer com que as crianças desde cedo apreciem o momento de ouvir histórias exige que o professor, como leitor e narrador, preocupe-se em lê-la com interesse, criando um ambiente agradável e convidativo à escuta atenta, mobilizando, assim, a expectativa das crianças.

Abramovich (1994) reforça que é de fundamental importância que o professor de educação infantil conte histórias para seus alunos. A autora assim se expressa:

Para a criança de pré-escola ouvir histórias também é fundamental. Ah, e aí, antes de começar é bom pedir que se aproximem, que formem uma roda, para viverem algo especial. que cada um encontre um jeito de ficar: sentado, deitado, enrodilhado, não importa como... cada um a seu gosto... E depois, quando todos estiverem acomodados, aí começar “Era uma vez...” (ABRAMOVICH, 1994, p. 23).

Essa autora reforça ainda que ler histórias para as crianças é viver momentos de alegria, é suscitar o imaginário, é sentir emoções importantes como a tristeza, a raiva, a irritação, etc. É através das histórias que se descobrem outros lugares sem precisar sair do chão, portanto, para se contar histórias, é preciso conhecê-las bem.

Portanto, ao professor, se vai contar uma história para crianças, não basta pegar o primeiro livro que está ao seu alcance. É fundamental que se prepare para o momento da contação de histórias. Importa conhecer as crianças, ser cuidadoso ao fazer a escolha da história a ser narrada, não se esquecendo de respeitar a faixa etária para a qual a história se dirigirá. Estes são alguns procedimentos necessários com os quais o professor deve se ocupar para que faça da contação de histórias um momento prazeroso e envolvente, mobilizador de atitudes e do imaginário, estimulador de curiosidades, recheando-o de expectativas, de muita alegria e prazer para as crianças.

Considerações Finais

Não se pode negar que, no contexto da Educação Infantil, a contação de histórias tem muito a contribuir de forma efetiva e prazerosa para o desenvolvimento da criança, um importante recurso para a construção e desenvolvimento da linguagem oral e para a formação do leitor, para encantar e sensibilizar a criança, para estimular o imaginário e a criatividade. Nesse sentido, o professor deve propiciar, sempre que possível, tempo e o contato das crianças com as obras literárias. E mais, lembrar sempre que a literatura infantil promove a socialização, o entretenimento, a informação, a formação de opinião e, o mais importante, o desenvolvimento da capacidade criadora e inventiva sobre temáticas dos mais variados contextos. Durante a contação de histórias é importante que o professor se movimente com entusiasmo e alegria, que dê à sua voz diferentes entonações, que faça todo o seu corpo participar desse momento. A partir da contação de histórias é possível pensar em atividades lúdicas, socializadoras e cognitivas.

Para que assim ocorra, implica e espera-se a determinação do professor em promover e estimular momentos apropriados ao ato de contar e de ler histórias.

Referências

- ABRAMOVICH, F. **Literatura Infantil: Gostosuras e bobices**. 4º ed. São Paulo, 1994.
- BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998. V. 1: Documento Introdutório; v. 2: Formação Pessoal e Social; v. 3: Conhecimento de mundo.
- BUSATTO, C. **Contar e encantar: pequenos segredos da narrativa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- BUSATTO, C. **A arte de contar histórias no Século XXI: tradição e ciberespaço**. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.
- COELHO, B. **Contar histórias: uma arte sem idade**. São Paulo: Ática, 1997.
- COELHO, N. N. **O Conto de Fadas**. 3. Ed. São Paulo: Ática, 1998.
- DOHME, V. D. **Comunicação e Encantamento: As histórias de fadas como mídia entre a realidade do mundo adulto e a realidade fantástica da criança**. São Paulo, 2008.
- DOHME, V. D. **Técnicas de contar histórias: um guia para desenvolver as suas habilidades e obter sucesso na apresentação de uma história**. Petrópolis: Vozes, 2013.
- LAJOLO, M. e ZILBERMAN, R. **Literatura infantil brasileira: história & histórias**. São Paulo: Ática, 2007.
- MACHADO, A. M. **Como e porque ler os clássicos universais desde cedo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.
- NEVES, M. "Histórias sem fim...". In: FARIA, Ana Lúcia Goulart de; MELLO, Suely Amaral (orgs.). **O mundo da escrita no universo da pequena infância**. 3 ed. Campinas, SP: Autores

Associados, 2012. – (Coleção polêmicas do nosso tempo, 93).

OLIVEIRA, R. M. Literatura Infantil: **A Importância no Processo de Alfabetização e Letramento e no Desenvolvimento Social da Criança**. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 02, Ed. 01, Vol.13, Janeiro de 2017. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/literatura-infantil?pdf=6478>.

RIGLISKI, A. S. **Contribuições da contação de histórias no desenvolvimento das linguagens na infância**. Disponível em: <https://bibliodigital.unijui.edu.br:8443/xmlui/bitstream/handle/123456789/1619/TCC%2020!20Adriane%20S.%20Rigliski.pdf?sequence=1>.

SILVA, R. A. B.; AMARAL, A. J; SANTANA, E. S. **A formação social infanto-juvenil a partir da contação de histórias**. Revista Philologos, Ano 24, n° 72. Rio de Janeiro: CiFEFiL, set/dez. 2018. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/rph/ANO24/72/01.pdf>.

Recebido em: 30/05/2021

Aprovado em: 15/07/2021